

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - VENDA PROIBIDA - RIO DE JANEIRO, 5 DE JULHO DE 2026



# JORNAL DOS SPORTS

DESDE 1931



INSTAGRAM.COM/JORNAL.DOS.SPORTS

Nº 52

CONTATO@JORNALDOSSPORTS.COM.BR

# VAI ENCARAR?



**MATCHDAY**



**BRA X NOR**



**A FRIEZA, O GARÇOM E O COMETA**

ARTE: FÁBIO TORRES COM GEMINI

Fala, galera!

Hoje, vim compartilhar com vocês uma notícia que me deixa muito feliz. Recentemente, tive a honra de ter um projeto meu aprovado na Alerj, que concede a Medalha Tiradentes ao ex-jogador Diego Ribas, um dos grandes ídolos da história recente do Flamengo. Essa é a maior honraria da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e reconhece personalidades que prestaram relevantes serviços à sociedade fluminense, e Diego faz parte desse grupo.

Ao longo da carreira, Diego Ribas brilhou em grandes clubes da Europa e vestiu a camisa da Seleção Brasileira. No Flamengo, tornou-se capitão e protagonista de uma das fases mais vitoriosas da história do clube, conquistando títulos como a Copa Libertadores da América e o Campeonato Brasileiro, que fortaleceram o futebol carioca e projetaram o Rio de Janeiro para o mundo.



Colunista convidado

**Guilherme Schleder**

## Diego Ribas recebe a Medalha Tiradentes

Sua liderança e comprometimento fizeram dele muito mais do que um grande jogador. O ex-jogador multicampeão trouxe uma contribuição significativa para além do esporte, mas também a jovens futuros atletas com a promoção de seus valores que vão além dos gramados.

Diego também deixou um legado para além dos gramados. Sua ética, disciplina e dedicação inspiraram milhares de jovens ca-

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM @DIEGORIBAS10



riocas, mostrando como o esporte pode formar cidadãos e transformar vidas.

Essa homenagem reconhece não apenas um atleta vencedor, mas uma referência para o esporte e para a nossa sociedade.

Parabéns, Diego! A Medalha Tiradentes é um reconhecimento mais do que merecido pela história que você construiu.

nova  
paradiso  
89,5 FM-RJ



JORNAL DOS  
SPORTS  
novaparadiso NO AR

Um bate-papo diário  
sobre o mundo dos esportes

**SEG A SEX**  
das 19h30 às 20h

895  
FM

RAFAEL RIBEIRO E NELSON TERME/CBF



# O GARÇOM DO CALOR

O sol de 39 graus promete transformar Nova Jersey num Maracanã sem sombra. A Noruega terá Haaland. O Brasil responderá com a camisa mais pesada da história e com Bruno Guimarães, o homem encarregado de servir o futebol quando as pernas começam a fraquejar.

Enquanto Casemiro atravessa uma tempestade de críticas, Bruno distribui esperança. São quatro assistências em quatro jogos. Números frios para explicar um jogador que aquece a alma da Seleção. Alguns fazem gols. Outros fazem a bola encontrar o destino. Bruno pertence a essa espécie cada vez mais rara.

Filho de taxista e vascaíno desde menino, aprendeu cedo que o caminho mais bonito nunca é o mais curto. Talvez por isso jogue de cabeça erguida, procurando um compa-

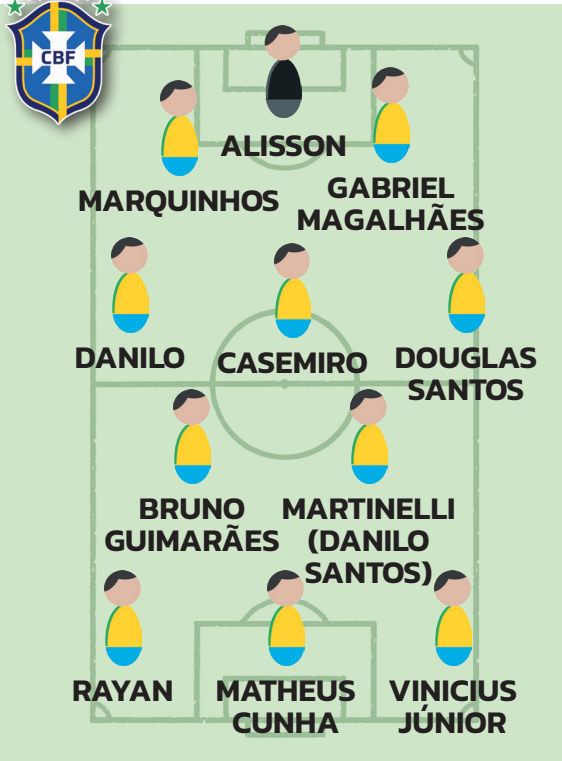
nheiro antes de procurar a glória. O aplauso nunca foi seu combustível. Sua vocação sempre foi fazer o outro brilhar.

Antes de conquistar a Europa, passou pelas mãos de Fernando Diniz. E poucos treinadores entenderam tão bem que futebol também é formação humana. Diniz não molda apenas atletas. Desperta coragem, confiança e liberdade. Ensina que o passe nasce primeiro no coração, depois no pé.

Contra a Noruega, o Brasil precisará de força para sobreviver ao calor e de inteligência para desmontar a muralha viking. E, quando a partida pedir um gesto de lucidez em meio ao caos, talvez a bola procure justamente Bruno Guimarães. Porque existem artilheiros que decidem jogos. Mas são os garçons que, discretamente, servem a história antes que o mundo aplauda.

## BRASIL X NORUEGA

TÉCNICO: CARLO ANCELOTTI



TÉCNICO: STALE SOLBAKKEN







**JS**

REPRODUÇÃO/X HAALAND



Antes de existirem atacantes, existiam conquistadores. Homens que atravessavam mares gelados para impor o medo. A Noruega perdeu os vikings. Ganhou Haaland.

O futebol sempre acreditou que Deus fosse brasileiro. Até o dia em que os nórdicos resolveram fabricar um demônio de chuteiras.

Erling Braut Haaland não entra em campo para jogar futebol. Entra para cobrar uma dívida que ninguém sabe quando contraiu. Não sorri. Não provoca. Não faz pose. Apenas caça. Há atacantes que precisam da bola. Ele dá a impressão de que a bola é que precisa encontrá-lo.

Vivemos uma época obcecada pelos artistas. Pelos homens que driblam, giram, inventam, embelezam. Haaland pertence a outra linhagem. Não seduz os olhos. Intimida os

adversários. Seu repertório parece simples. Corre como poucos, salta como ninguém, protege a bola com uma brutalidade quase ofensiva e finaliza com uma frieza que desafia qualquer goleiro. O problema é justamente esse: aquilo que parece simples tornou-se praticamente impossível de conter.

Dizem que lhe falta a técnica refinada dos gênios. Talvez. Mas o leão nunca precisou aprender balé para continuar sendo rei da savana.

Os números já desistiram de explicá-lo. Haaland tem mais gols do que partidas pela seleção da Noruega (60 em 53, sendo 18 nas últimas 10). É uma estatística que parece erro de impressão, dessas que os antigos jornais publicariam duas vezes antes de acreditar. Há jogadores que acumulam partidas memorá-

veis. Ele coleciona sentenças.

A Noruega jamais frequentou o salão de baile das grandes potências do futebol. Mas foi nosso carrasco no final da década de 98. Liderada por outro centroavante letal: Tore Andre Flo, que jogou com o pai de Haaland. Ah, futebol.

Hoje, o Brasil enfrentará mais do que um centroavante. Enfrentará o herdeiro moderno daqueles homens que desembarcavam sem pedir licença, conquistavam territórios e voltavam para casa carregando troféus.

Os vikings usavam espadas.

Haaland usa a perna esquerda, a direita, a cabeça e uma fome insaciável de gols.

No fim das contas, a diferença é pequena.

Ambos aprenderam que o medo continua sendo a arma mais poderosa de uma invasão.

# ENTRE O CHICLETE, A FRIEZA E A TEIMOSIA

Há treinadores que comandam um time. Carlo Ancelotti parece comandar o próprio tempo.

Enquanto o Brasil envelhecia a cada ataque japonês, ele mascava seu chiclete com a serenidade de quem já atravessou tempestades maiores. O torcedor brasileiro, personagem barroco que vive entre o êxtase e o velório, aprendeu até algumas palavras em italiano para xingar Carletto. Nas arquibancadas e nas redes sociais, todos ferviam. Havia desespero, medo e taquicardia. Só não havia pressa no banco da Seleção.

Talvez seja justamente isso que o Brasil tenha contratado.

Durante décadas, resolvíamos partidas no talento. Bastava um camisa 10 iluminado ou um centroavante capaz de transformar meio metro em gol. Hoje, a camisa continua sendo a mais pesada do planeta. O elenco, infelizmente, não.

Vivemos um tempo em que imploramos pela genialidade de um craque em fim de carreira e depositamos esperança em outro que mal começou a escrever a própria história. Entre eles existe uma seleção em reconstrução. Classificar-se continua sendo obrigação. Sofrer para isso, porém, virou rotina.

Ancelotti entendeu essa realidade antes de todos.

Cinco vezes campeão da Champions League, jamais confundiu elegância com espetáculo. Sua especialidade nunca foi encantar. Foi vencer. Esperar o instante exato em que uma partida muda de dono.

Quando mexeu no time, mudou também o destino do jogo. Martinelli deixou a ponta para atuar por dentro, quase como um camisa 8, encontrou espaços onde ninguém procurava e transformou aflição em alívio.

Há treinadores que inventam sistemas. Outros descobrem jogadores. Ancelotti parece descobrir funções.

Talvez esse seja o maior talento do italiano: fazer parecer simples aquilo que, minutos antes, parecia impossível.

O brasileiro continuará sofrendo. Está no

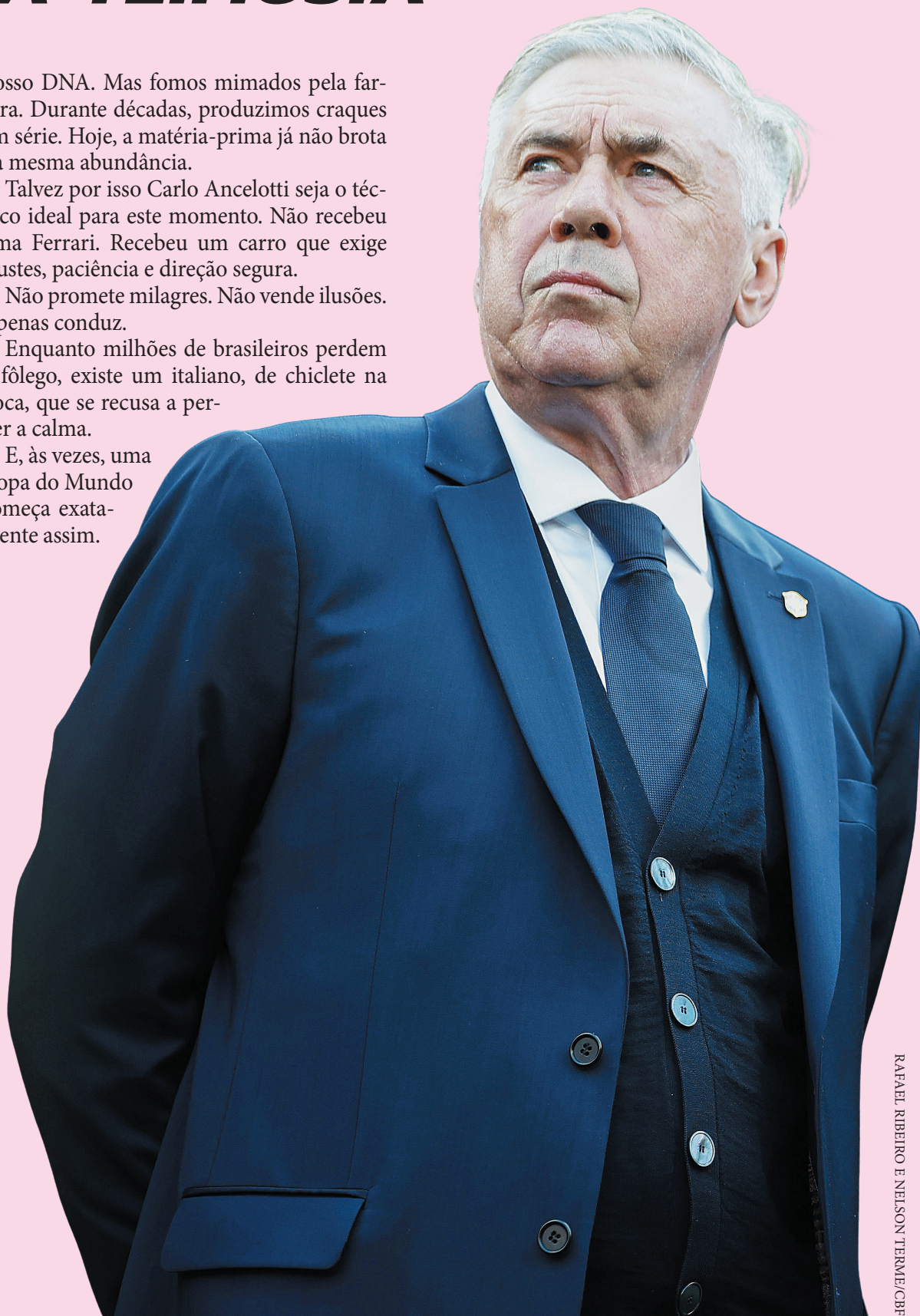
nosso DNA. Mas fomos mimados pela fartura. Durante décadas, produzimos craques em série. Hoje, a matéria-prima já não brota na mesma abundância.

Talvez por isso Carlo Ancelotti seja o técnico ideal para este momento. Não recebeu uma Ferrari. Recebeu um carro que exige ajustes, paciência e direção segura.

Não promete milagres. Não vende ilusões. Apenas conduz.

Enquanto milhões de brasileiros perdem o fôlego, existe um italiano, de chiclete na boca, que se recusa a perder a calma.

E, às vezes, uma Copa do Mundo começa exatamente assim.



# FORÇA MUNICIPAL: CENTENAS DE PRISÕES SEM DAR UM TIRO.



A segurança pública sempre foi e continua sendo de responsabilidade do Governo do Estado. Mas, desde 2009, a Prefeitura vem fazendo a sua parte. São milhares de câmeras inteligentes pela cidade e, agora, temos a Força Municipal com agentes de elite muito bem treinados para prevenir e combater roubos e furtos nas ruas. São 600 agentes que já realizaram mais de 800 prisões sem disparar um tiro. Até o fim do ano, serão mais de mil agentes nas ruas em um trabalho que une tecnologia e estratégia para proteger os cariocas.

PREFEITURA



**RIO**

A SERVIÇO DE TODO CARIOCA